

## Reflexões sobre os abalos da masculinidade hegemônica no futebol: das torcidas gays na década de 1970 aos campeonatos homossexuais da atualidade

Reflexiones acerca de las sacudidas de la masculinidad hegemónica en el fútbol: de las hinchadas gays en la década de 1970 hasta los campeonatos homosexuales de la actualidad

Leonardo da Silva Martinelli\*

**Resumo:** Os marcadores sociais das masculinidades presentes no futebol contribuíram com o amálgama de representações que tornam explícito, nesse ambiente, atitudes e comportamentos machistas. O objetivo deste artigo é pensar o “mundo do futebol” e problematizar as tensões e fissuras da heteronormatividade e masculinidade hegemônica presentes nesse esporte a partir das dissidências homossexuais a esse modelo. É realizada uma análise a partir das torcidas gays surgidas na segunda metade da década de 1970, no Brasil, até os recentes times de futebol compostos exclusivamente por pessoas homossexuais. Como fontes são usadas matérias veiculadas na imprensa escrita, na mídia televisiva e nas redes sociais. A metodologia utilizada deu-se a partir da leitura, análise e interpretação das fontes em diálogo com a fundamentação teórica acionada.

**Palavras-chave:** homossexualidades; gênero; futebol.

**Resumen:** Los marcadores sociales de las masculinidades presentes en el fútbol contribuyeron a la fusión de representaciones que hacen explícitas las actitudes y comportamientos sexistas en este entorno. El objetivo de este artículo es pensar en el “mundo del fútbol” y problematizar las tensiones y fisuras de la heteronormatividad y la masculinidad hegemónica presentes en este deporte desde el disenso homosexual a este modelo. Es realizada un análisis desde las hinchadas gays que surgieron en la segunda mitad de la década de 1970, en Brasil, hasta los equipos de fútbol recientes compuestos exclusivamente por personas homosexuales. Como fuentes se utilizan reportajes publicadas

---

\* Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisador do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC). Tem mestrado e graduação em História pela Universidade de Passo Fundo. Contato: leonardos.martinelli@gmail.com.

en la prensa escrita, los medios de televisión y las redes sociales. La metodología utilizada se basó en la lectura, análisis e interpretación de las fuentes en diálogo con la fundamentación teórica utilizada.

**Palabras-clave:** homosexualidades; género, fútbol.

### Considerações iniciais

Masculinidades e feminilidades são construções históricas mutáveis, mas algumas compreensões de viés essencialista acabaram por associar o “universo” masculino a algumas atividades como se fossem predefinidas. O futebol, nesse entendimento, seria uma modalidade esportiva inerente de machos heterossexuais cisgêneros. Nessa lógica, meninos efeminados não teriam interesse e sua inserção tende a ser dificultada, como se pertencessem ao mundo feminino, aquele sobre o qual não se “espera” tal apreço. Ao mesmo tempo, para aqueles que estão em sintonia com a masculinidade cisgênero, presume-se, de imediato, que são heterossexuais. Nesse sistema, futebol e homossexualidades não se misturariam. Tal falácia é problematizada e desconstruída a partir de três eixos de discussão, citados abaixo. O objetivo deste artigo é pensar o “mundo do futebol” e problematizar as tensões e fissuras da heteronormatividade e masculinidade hegemônica presentes nesse esporte a partir da dissidência homossexual a esse modelo.

O texto é organizado a partir de três eixos que conduzem a discussão. O primeiro aborda a emergência de torcidas gays<sup>1</sup> no Brasil na segunda metade da década de 1970 e sua afronta aos costumes morais que faziam parte dos valores defendidos por boa parte da sociedade no período da ditadura civil-militar. Compondo ativismos que trouxeram, sobretudo, visibilidade a causa homossexual, empoderamento, afirmação e enfrentamento ao sistema heteronormativo, parte-se do adentramento dessas torcidas no espectro futebolístico a partir da discussão de algumas matérias jornalísticas publicadas na revista *Veja* em 1977 sobre a *Coligay*<sup>2</sup> e em 1979 sobre os problemas enfrentados na tentativa de criação da *Flagay*<sup>3</sup>. Além disso, utiliza-se uma matéria publicada no ano de 1979 no jornal

---

<sup>1</sup> Expressão reportada na revista *Veja* e usada como referencial informativo; contudo, deve-se destacar que a expressão “gay” também sinalizava de que grupo de pessoas se estava falando, embora posteriormente veio a caracterizar especificamente os homossexuais masculinos.

<sup>2</sup> Torcida do Clube Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, criada em 1977.

<sup>3</sup> Torcida do Clube de Regatas do Flamengo. Opta-se pelo uso desta grafia “Flagay”, assim como foi publicada na reportagem da revista *Veja*, no entanto, em outros veículos de imprensa também aparece a expressão “FlaGay”.

alternativo *Lampião da Esquina*, voltado ao público homossexual, para problematizar os abalos empreendidos nessa modalidade esportiva a partir dessas torcidas.

Esses exemplos sinalizam o interesse de pessoas homossexuais pelo esporte, especialmente pelo futebol, que é tido como um elemento característico na cultura nacional do país. Mas mais do que isso, as formas de torcer empreendidas pelos integrantes da *Coligay*, a maneira de se vestirem e a identidade *gay* acionada, dentre outros elementos, contribuem para pensar no atravessamento das fronteiras simbólicas de gênero e sexuais.

Para além dos torcedores, o segundo eixo é o caso do ex-árbitro de futebol conhecido como Margarida<sup>4</sup> que vestia roupa totalmente cor-de-rosa nos jogos em que apitava e performatizava um gênero que podia ser identificado e/ou confundido por algumas pessoas como homossexual, expressos pelo personagem que dizia interpretar. Tornou-se conhecido a partir da década de 1990 e apareceu inclusive em programas nacionais. Sua entrevista concedida à jornalista Marília Gabriela será utilizada como fonte.

O terceiro eixo dessa reflexão é a formação de times de futebol amador compostos exclusivamente por homens homossexuais em diferentes estados do país e na criação de uma competição nacional entre esses times, a *Champions Ligay*, em 2017. Publicações na página da rede social *Facebook* da Liga são utilizadas como fonte. O texto é iniciado com uma breve contextualização para compreender a lógica da masculinidade hegemônica e sua vinculação ao futebol.

### A construção das masculinidades em meio a uma “paixão nacional”

As crianças são incentivadas desde cedo a atividades físicas e expostas a uma série de ensinamentos que costumam prepará-las para desempenhar determinadas funções quando adultas e que acabam moldando sua própria personalidade. As meninas majoritariamente são presenteadas com bonecas, utensílios, ursinhos, sinalizando uma delicadeza e uma pretensa e futura destreza nas tarefas domésticas como se isso fizesse parte de seus supostos gostos naturais, quando na realidade são oferecidos com pouca margem de alteração. Aos meninos dão carrinhos, bicicleta e certamente uma bola. Desenha-se, desde muito cedo, uma forma de direcionamento com pretensas bases essencialistas que costuma ser reproduzida

---

<sup>4</sup> Tratava-se de um personagem exibido por Clésio Moreira dos Santos, que nasceu em Santos, no estado de São Paulo, mas mudou-se para Santa Catarina onde, posteriormente, iniciou a arbitragem de jogos amadores e colocou em cena a *performance* chamativa em torno da figura do Margarida, criado a partir da observação de outros juízes, tornando-se conhecido a partir dos anos 1990 (MARGARIDA, 2011, parte 1). Em entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela, em 2011, disse que naquele momento vivia ganhando dinheiro como Margarida, participando de shows, eventos, pois como juiz de futebol havia deixado de atuar desde 2004 (MARGARIDA, 2011, parte 2).

por essas próprias crianças quando forem adultas. No entanto, longe de permanecerem estáticas, tais identificações e desidentificações podem aproximar ou afastar as pessoas destes caminhos não binários. (LOURO, 1997).

O filósofo Michel Foucault (1988) destacou que a sexualidade é uma construção histórica e cultural. Ou seja, não está presente desde sempre nos sujeitos, como se fosse a-histórica. Nesse sentido, brincar com uma boneca ou uma bola não definirá as formas dessas pessoas obterem prazer, condicionando-as a serem heterossexuais, homossexuais, dentre outras identificações. A rejeição às homossexualidades ao longo da história sinaliza a discriminação social desse grupo, mas também as resistências dessas pessoas frente à heteronormatividade.

Nesse sentido, além dos estereótipos comumente associados do gay efeminado, da travesti, ou ainda da lésbica masculinizada, entravam em cena na década de 1970, no Brasil, novas expressões performativas por parte de pessoas que não se identificavam como homossexuais, e algumas podiam até identificarem-se como bissexuais<sup>5</sup>, enquanto outras transitavam entre essas fronteiras das masculinidades e feminilidades não as vendo como definidoras ou impeditivas para tais atos/trejeitos.

Judith Butler (2017) destaca que gênero é uma construção discursiva sociocultural que por meio de sua repetição cria a *performance* de gênero que é materializada nos corpos. Por essa razão, não é algo essencialista nem mesmo determinado pela cultura, mas se dá em meio a esses discursos dominantes que visam padronizar as pessoas.

Determinadas expressões performativas de gênero são esperadas para determinados sujeitos alinhadas a um ideal de corporalidade que supostamente deveria estar sintonizado. A cultura brasileira é predominantemente machista e o ápice dessa supremacia hierárquica construída socialmente – mas que possui dissidências – é a masculinidade hegemônica.

Para Connell e Messerschmidt (2013, p. 245):

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela

---

<sup>5</sup> Em uma matéria na revista *Veja* do ano de 1974 foi discutida a questão da androginia e problematizada se se tratava de uma bissexualidade por parte dos sujeitos ou de um quarto sexto (O QUARTO, 1974, p. 77). Essa divulgação assinala as transformações que se tornavam visíveis na época, mas também a possibilidade de qualquer pessoa transitar entre as masculinidades e as feminilidades sem ser, necessariamente, homossexual. Apesar desse diferencial, as performances andróginas naquele momento não superaram o binarismo masculino/feminino.

incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.

De acordo com Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner (2013, p. 253), os “estádios de futebol se constituíram, historicamente, como um espaço legitimado para os homens e, também, num espaço de construção da masculinidade”. A apresentação do futebol aos meninos e o constante reforço de que se trata de algo do universo masculino e partilhado por boa parte dos demais acaba atraindo às atenções e tornando-se um espaço de sociabilidade, mas também de aprendizado na medida em que os valores prezados socialmente para esse público se fazem ver e construir a partir dessas inter-relações.

Nesse sentido, os estádios de futebol podem ser pensados como espaços construtores e propagadores de modelos de ser masculino e também de masculinidades. O modelo hegemônico apresentado socialmente não é expresso por todos os rapazes e ao mesmo tempo pode ser pensado como uma forma de violência ao impô-lo socialmente como se fosse o melhor, aquilo que deve ser alcançado, cerceando assim outras masculinidades que são inferiorizadas.

O futebol no Brasil é tido como uma “paixão nacional”. Esse ideal foi propagado e por ser insistentemente repetido acabou sendo considerado uma das características desse país e é prematuramente incentivado por parte de familiares às crianças. A vinculação a um clube de futebol regional, inicialmente, por ser mais próximo de sua realidade, é uma forma de sociabilidade e coletividade que possibilita a sua inserção a determinados círculos de amizade extensivos dessa identidade de pertencimento nacional.

Para Andrade e Seffner (2013, p. 247):

Dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol a masculinidade possui preponderância. É importante frisar que a masculinidade vivida nesse contexto cultural específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica.

Compreender a importância dessa modalidade esportiva no Brasil ajuda a entender o interesse dos torcedores e torcedoras independente de quaisquer outras características que possuam. Os interesses afetivo-sexuais e as expressões *performativas de gênero* dessas pessoas, em tese, não condicionam ou impedem essas identificações, no entanto, socialmente, o

futebol ainda costuma ser visto como parte de um universo masculino, “machista” e “homofóbico”, como pontuaram os autores acima citados. Nesse cenário são problematizadas as tensões e fissuras da heteronormatividade e masculinidade hegemônica a partir da dissidência homossexual da década de 1970 até a atualidade.

### As torcidas gays e sua veiculação na imprensa nacional

Para refletir acerca das torcidas gays e suas repercussões sociais é utilizada a imprensa como fonte, pois permite perceber a forma como tais iniciativas foram recebidas na época. No dia 1 de junho de 1977 foi publicada na revista *Veja* a informação de que recentemente havia sido formada uma torcida de futebol no Rio Grande do Sul. A notícia em questão foi acompanhada de uma ilustração dos torcedores e apareceu na divisão interna da revista no espaço chamado de “Gente” que veiculava diferentes informações de forma sucinta. Nesta edição o público leitor nacional que apreciava a revista pôde ler:

Em acintoso desafio ao machismo gaúcho, foi fundado, no mês passado, em Porto Alegre, uma insólita torcida futebolística – a Coligay – de cujos componentes se exige apenas não levarem muito a sério a masculinidade. Idealizada por Volmar Santos, gerente da boate Coliseu, de 25 anos, a torcida gay já conta com charanga, fantasia e 150 adeptos, todos ferrenhos torcedores do Grêmio. Apesar dos protestos de outros gremistas, Santos defende com unhas e dentes o direito de o seu grupo torcer como achar melhor (GENTE, n. 456, p. 71 – grifo do autor).

No ano de 1977 ocorreu o Campeonato Gaúcho de Futebol e neste evento estreou uma torcida que se intitulou de *Coligay*, seu nome era oriundo da junção de *Coliseu*, boate de propriedade do empresário Volmar Santos, e *gay*, termo que identificava os integrantes (ANJOS, 2018). Além da presença desse grupo organizado nos jogos em favor de seu clube, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, a imprensa rio-grandense reportou tal notícia, bem como a nacional. A boate era utilizada como um espaço de sociabilidade frequentado por esse público.

A menção a esta torcida em *Veja* aponta o desafio que teriam que enfrentar diante do “machismo gaúcho”. Mais do que uma especificação geográfica, o termo pode ser pensado no interior da cultura gauchesca partilhada em que a masculinidade hegemônica também é um modelo de comportamento que pode ser observado e materializado em alguns eventos

festivos, canções ou até mesmo no humor, apesar de haver tensões e oscilações internas, não se tratando de uma estrutura homogênea. Todavia, ainda difunde-se a ideia do gaúcho macho, viril, presente no discurso dominante dessa cultura tradicional como se fossem performatizadores da masculinidade hegemônica que “possibilita” um poder de dominação, de destaque e de orgulho.

Essa ideia de “machismo gaúcho” pode estar conectada com o “modelo tradicional de virilidade” de que fala Arnaud Baubérot (2013) em que a construção do homem viril estaria associada a um conjunto de ensinamentos apreendidos que, em menor ou maior grau, contribuiriam com esse modelo, como: os brinquedos utilizados, a socialização em bandos de garotos, o ensino escolar, vivência no quartel, moldando os futuros homens e investindo-os desse poder de dominação. No entanto, destaca o autor que o modelo de homem adulto estaria sendo modificado, pois a masculinidade não seria mais entendida como a conquista desses elementos que conferem a dominação, apesar desses valores e atitudes ainda fazerem parte da sociedade (2013, p. 219-220).

No entanto, Daniel Welzer-Lang (2001, p. 463) destaca que esse aprendizado se dá mediante o sofrimento dos rapazes que se submetem, mas, muitas vezes, também são submetidos a esse tipo de tratamento para inserir-se nesse código como um rito visivelmente hierárquico de predominância das “maiores” masculinidades, mais viris, frente àquelas em construção e/ou que não “possibilitam” aos seus performatizadores o status hierárquico da masculinidade hegemônica. Isso possibilita pensar nas clivagens de relações sociais entre os próprios adolescentes e adultos com *performances* distintas de masculinidades, nas vantagens de dominação conquistadas por meio disso, mas também nas violências que essa ação acarreta.

O machismo pode ser pensado como a exaltação de um determinado tipo de masculinidade e que esta ocuparia o topo da hierarquia, porém não se trata apenas de um comportamento individual, mas está articulado a outros entendimentos que garantem certos privilégios sociais aos que a performatizam. A homossexualidade entraria em conflito com este modelo, pois contraria alguns desses entendimentos como a possibilidade de expressar uma masculinidade distinta da esperada ou uma feminilidade que é o oposto do que é exaltado pelo machismo.

Luiza Aguiar dos Anjos (2018, p. 58-59) aponta algumas características da *Coligay* agrupadas em quatro categorias: torcer ininterrupto, animação, estética chamativa e original, e afeminação. O destaque a estes elementos nos ajuda a entender a *performance*



expressada, além das túnicas vestidas com as letras que compunham o nome de seu time, os diferentes acessórios e faixas que faziam parte do seu ato de torcer.

A partir da divulgação do surgimento da *Coligay* outras torcidas organizadas de outros clubes começaram a formar-se e foram divulgadas. No entanto, obstáculos também se fizeram presentes. No ano de 1979 uma matéria publicada na revista *Veja*, em sua edição número 581, trouxe à discussão tal questão. Publicada na seção “Comportamento”, e em uma lauda, o título já alertava ao público leitor do que se tratava: “Jogo proibido: torcidas gays querem um lugar nos estádios”. A centralidade da notícia foi os entraves que a *Flagay* – torcida gay do Flamengo – estava tendo para frequentar os jogos caracterizada enquanto torcida homossexual.

A matéria de autoria não identificada inicia:

A discussão ganhou os jornais, virou debate na televisão e pode acabar em pancadaria nas arquibancadas do Maracanã, se a torcida Flagay, formada por homossexuais, cumprir a promessa de torcer pelo seu Flamengo uniformizada com plumas e paetês. “Eu sou líder de uma nação”, disse na semana passada o presidente rubro-negro, Márcio Braga, “e tenho uma responsabilidade educativa muito grande”. Principal obstáculo à estreia da 61.<sup>a</sup> torcida organizada do seu clube, o moralista Braga acha que “homossexual não é normal, é doente”, e com isso endossa a intolerância de chefes de torcida como José Vaz, da Dragões Rubro-Negros, que ameaça partir para a agressão física (JOGO, 1979, p. 88 – grifo do autor).

A estreia dessa nova torcida e sua inserção junto ao clube gerou discussões e foi alvo de reações que estavam em sintonia com o entendimento e manutenção da ordem heterossexual e com os padrões binários de gênero que compunham os valores dominantes da sociedade brasileira e eram defendidos com afinco pelos governantes da época. A ideia exposta e atribuída ao presidente de que os homossexuais não eram normais, mas doentes, acompanhava o discurso médico patologizante no Brasil, embora em outros países esse entendimento já houvesse sido retirado, como nos Estados Unidos, em 1973, pelo Conselho de Psiquiatria. No entanto, é possível supor que alguns profissionais brasileiros da área da saúde também não concordassem com essa classificação, caso estivessem informados sobre essa alteração em outros países, como citado acima, bem como nas transformações dos olhares acerca do tema das homossexualidades naquela conjuntura; todavia, tal código



ainda era mantido Brasil.<sup>6</sup> Nesse sentido, tal compreensão discriminatória também era partilhada na sociedade e reforçava o estigma direcionado aos homossexuais.

Mesmo diante das reações, Paulo Roberto Menezes, citado como líder da *Flagay* teria destacado: “Não vamos desistir só porque outros chefes de torcida temem que o nosso incentivo ao time seja mais alegre que o deles” (JOGO, 1979, p. 88). No entanto, entraves também se fizeram presentes na constituição de outras torcidas semelhantes, conforme destaca a matéria:

A repressão aos homossexuais em campos de futebol não é um privilégio carioca. No começo do ano, um grupo liderado pelo[*sic*] travesti Valéria tentou organizar a torcida Lionsgay para incentivar o Sport do Recife, cujo símbolo é um viril e feroz leão, e foi ameaçado de agressão pelo pessoal do Bafo do Leão – e até hoje não estreou (JOGO, 1979, p. 88).

O cenário daquela conjuntura era marcado por um conservadorismo e valorização da “moral e os bons costumes”, cujos valores eram respaldados na crença judaico-cristã, dos quais se pode destacar: o entendimento da heterossexualidade como um dado “natural” e a expressão de papéis sociais e sexuais de acordo com aquilo que era esperado para homens e mulheres. E para isso, diferentes mecanismos foram utilizados como censuras, repressões, a fim de enfraquecer e punir os transgressores desse sistema impositivo tido como “normal”.

De acordo com Renan Quinalha (2017) houve uma política sexual institucionalizada no período da ditadura civil-militar que visava controlar os “desvios” morais, dentre os quais a homossexualidade. Esse cerceamento buscava regular, interditar e impedir que olhares positivos a respeito das homossexualidades se ampliassem e conscientizassem a população de que o fato de um grupo de pessoas serem identificadas como homossexuais (ou se autodeclarassem) não era pré-requisito para sua inferiorização e estigmatização. Essas censuras retardaram olhares positivadores sobre essa questão e em contrapartida reforçaram a discriminação social.

No ano de 1979 a torcida da *Flagay* estava sendo organizada. A *Coligay*, precursora, estava atuante desde 1977. Todavia, a repressão sobre esta parece ter sido mais intensa. Sua estreia durante o campeonato seria no dia 14 de outubro no jogo Fla-Flu, quando seu time – Clube de Regatas do Flamengo - enfrentaria o rival Fluminense Football Club, ambos do Rio

---

<sup>6</sup> No Brasil a homossexualidade deixa de ser considerada uma doença em 1985 quando o Conselho Federal de Medicina retira o código 302.0 do Manual de Classificação Internacional de Doenças e, deve-se, sobretudo, a militância realizada pelo ativismo homossexual. Para saber mais ver Rodrigues (2018).

de Janeiro (JOGO, 1979, p. 88). De acordo com Maurício Rodrigues Pinto (2018, p. 113), no dia antecedente à partida, o *Jornal dos Sports* trouxe na capa o destaque: “Márcio apoia a galera contra a FlaGay”. Em uma reportagem nesta edição, foi publicado:

O presidente do Flamengo, Márcio Braga, esteve reunido com o comandante do 6º Batalhão da Polícia Militar, ocasião em que pediu que as várias torcidas do Flamengo sejam protegidas do mal que representa a FlaGay. O dirigente explicou que “as minorias não podem se misturar à torcida” e que é a favor das facções formadas por homens de mente e corpo são, o que não acontece com os que pretendem formar a FlaGay. Procurado por vários líderes de torcida do Flamengo, Márcio Braga se viu obrigado a comunicar a posição do clube [...]. Juridicamente, não existe nada que impeça a sua criação, mas Márcio Braga adiantou que essa facção não será aprovada pelo Conselho Diretor do Clube. [...] (JORNAL dos Sports, n. 13516, p. 5 apud PINTO, 2018, p. 113).

Esse assunto ganhou repercussão na imprensa. Não havia impedimentos legais que pudessem barrar essa torcida, tampouco a necessidade de uma ação policial intimidatória ou efetiva; e haja vista à época, de intenso moralismo, possivelmente acionariam todos os recursos possíveis para impedi-la. No entanto, pela fala atribuída ao presidente e a declarada recusa que seria dada por parte do Conselho Diretor, as chances da torcida ser efetivada era muito pequena.

Conforme a reportagem em *Veja*, situação distinta ocorreu com a *Coligay* na qual o presidente do Grêmio na época, Hélio Dourado, teria dado sinais de simpatia: “Quando eles vieram me procurar para pedir autorização, eu até disse: se todos os gays fossem gremistas seria ótimo, pois isso aumentaria a torcida e lotaria os estádios” (JOGO, 1979, p. 88). Apesar disso, essa torcida também teve que enfrentar muitos obstáculos: no jogo inaugural em que participaram teve que ir a Brigada Militar para garantir a segurança, como salientou o líder da torcida, Volmar Santos (apud ANJOS, 2018, p. 52); além disso, havia seguranças que os acompanhavam, e ainda, aulas de karatê foram praticadas por integrantes do grupo como destacam Gerchmann (2014) e Anjos (2018, p. 53-54). Elementos que ajudam a entender que mesmo estando nos estádios e jogos, nem todos eram simpatizantes dessa torcida e o machismo e a homofobia se faziam presentes.

O jornal alternativo *Lampião da Esquina* também veiculou uma reportagem sobre o ocorrido intitulada: “Os gueis do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga”. Uma das menções à

*Flagay* foi feita como uma carta aberta endereçada ao presidente do Clube do Flamengo e sua autoria é atribuída a Antônio Chrysóstomo. A partir de um lugar de fala específico, pois tratava-se de um torcedor do mesmo clube, diante das críticas aos homossexuais, pontuou:

Pois foi um homem doutor Márcio, dotado de pernas, tronco, membros (todos bastante rijos e treinados, membros de atleta) que deu, em 1955, pelo menos uma vitória, no campeonato carioca de natação, ao Clube de Regatas do Flamengo: esse homem sou eu, e o fato de ter sido nadador do Flamengo e membro-fundador do Dragão Negro não me incompatibilizou para o trabalho no jornal LAMPIÃO. Com essa o sr. não contava não é? no Dragão Negro, grupo-choque que o ajudou a eleger-se, havia também homossexuais! (OS GUEIS, 1979, p. 9).

Na sequência Chrysóstomo aconselha o presidente do clube a respeito da transitoriedade das vitórias, lembrando o fato do Flamengo ter perdido o jogo naquela disputa em que a *Flagay* queria participar e torcer, mas não pôde, sugerindo que depois que tal assunto não mais estivesse na mídia, Braga pudesse permitir a criação dessa torcida (OS GUEIS, 1979, p. 9).

A hostilidade contra a *Flagay* também chegou ao conhecimento dos torcedores da *Coligay* e, na mesma matéria de *Veja*, há a informação de que o líder desta teria os encorajado a prosseguir e enfrentar os preconceitos (JOGO, 1979, p. 88). Contudo, a torcida não chegou a estreitar nas arquibancadas (ANJOS, 2018, p. 120).

A respeito da imprensa, não é exagerado lembrar que não se tratam de verdades absolutas ali veiculadas, mas isso não impede que as notícias sejam usadas a partir de análises críticas que considerem as suas singularidades, como foi possível refletir acerca da dissidência homossexual da heteronormatividade e masculinidade hegemônica no futebol, possibilitando verificar as argumentações e entendimentos difundidos sobre esses abalos a partir dessas torcidas. Como lembra Luca (2008) ao apresentar um panorama desse tipo de fonte, bem como questões fundamentais sugeridas a atentar numa análise, é possível escrever uma “história dos, nos e por meio dos periódicos”. A imprensa ocupa um lugar social e é partícipe das classificações e construções de sentidos acerca daquilo que noticia devendo ser compreendida como um componente ativo nesse processo e mobilizadora da opinião pública.

Desde a década de 1970 até a atualidade muitas transformações ocorreram e possibilitaram mudanças na maneira como o futebol era pensado, bem como no ideal de masculinidade hegemônica consolidado. Como discutido anteriormente, uma parcela de homossexuais brasileiros organizaram-se enquanto torcidas autoidentificadas que traziam à tona a visibilidade de sua sexualidade – se não a de todos, da maior parte de seus integrantes. Algumas conseguiram oficializar tal registro junto à direção dos clubes enquanto outras não. No entanto, a participação de pessoas homossexuais nos jogos não se inicia nesse período, pois muitas já frequentavam sem estarem vinculadas a uma torcida organizada, enquanto outras podiam fazer parte de torcidas já existentes. O diferencial neste momento está em sua união em torno de uma identidade semelhante partilhada, sua afirmação e visibilidade pública no enfrentamento dos paradigmas.

Para Stuart Hall (2002) a identidade cultural na modernidade sofreu uma “crise” e isso levou ao surgimento do sujeito pós-moderno, dotado de uma identidade fragmentada. Para o autor, um dos fatores que teria ocasionado tal mudança foi a globalização, que permitiu o contato com diferentes culturas e isso possibilitou o rompimento de identidades que eram pensadas como estáveis. Sua atenção focaliza a identidade nacional, mas essa questão pode ser ampliada a outras, pois o sujeito pode partilhar diferentes identidades.

Os integrantes dessas torcidas gays se organizavam em torno de duas identidades convergentes: sua sexualidade, enquanto pessoas homossexuais, visível na escolha dos nomes dessas torcidas e em sua afirmação, bem como sua junção à identificação por um clube específico. Há, aqui, portanto, duas identidades sincronizadas – podendo haver outras, inclusive – e que dividem espaço. Além disso, era mais uma forma de sociabilidade possível para seus integrantes numa época de desbunde<sup>7</sup> e, por conseguinte, igualmente uma forma de ativismo.

Zygmunt Bauman tece críticas às noções de pertencimento que incorporam os sujeitos e investem uma identidade verticalmente imposta. Conforme o autor “a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (BAUMAN, 2005, p. 17-18 – grifo do autor). Sobre isso devem-se atentar às relações de poder engendradas e as disputas em torno da aceitação

---

<sup>7</sup> Desbunde refere-se à forma com que parte da juventude lidava com a liberalização cultural a partir dos anos 1970 sem uma vinculação partidária de esquerda ou direita, embalada pela modernização expressa no teatro e na música (TREVISAN, 2000, p. 284).

e/ou reconhecimento de terminologias identitárias que, obviamente, não estão isentas de conflitos dentro do próprio “universo homossexual”.<sup>8</sup>

Os processos identitários não são plenamente conscientes, pois estão inseridos num ambiente tenso que envolve a subjetividade alheia, mas também o olhar de outrem e as novas percepções que se têm a partir disso. Nunca estará num estágio acabado, mas em constantes transformações.

Esses atravessamentos nas fronteiras de gênero também podem ser analisados a partir de outro exemplo, não mais de torcedores, mas de um árbitro de futebol que se tornou conhecido a partir da década de 1990 pela caracterização específica que exibia nos jogos Vestia-se totalmente com roupas cor-de-rosa e performatizava trejeitos identificados como pertencentes ao universo feminino. Para algumas pessoas “passava por” homossexual. Inventor de um estilo próprio, tinha traços característicos como o “passo da gazela” e construiu um personagem expressando uma linguagem específica similar a usada no “universo homossexual”. Em entrevista dada à jornalista Marília Gabriela no programa “De Frente com Gabi”, na emissora do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Clésio Moreira dos Santos, o Margarida, definiu-se como “homem heterossexual, casado e pai de três filhos”. Questionado pela jornalista a respeito da intenção ao criar esse personagem que chamava a atenção do público, responde dizendo que era “para trazer alegria” (MARGARIDA, 2011, parte 2).

A apresentação do que Margarida chama de “personagem” durante os jogos exibindo trejeitos efeminados que o identificariam socialmente como um homossexual, – possivelmente era esta sua intenção –, precisa ser analisado considerando dois elementos que parecem ser essenciais. O primeiro deles é a reiteração de um estereótipo homossexual que tendia a ser discriminado socialmente e que ocupava determinados lugares sociais e profissões; não raro era usado para causar o riso, uma forma caricata de entreter, tanto em peças de teatro quanto no humor, para citar alguns exemplos. No entanto, é preciso ir além da redução da homossexualidade a uma imagem de simples entretenimento, mesmo que isso seja aparentemente sugestivo de pensar, como atesta parte da entrevista (MARGARIDA, 2011, parte 2).

---

<sup>8</sup> Expressão utilizada para se fazer menção ao conjunto de características que são tidas como integrantes e/ou pertencentes aos homossexuais; no entanto, não devem ser entendidas como a-históricas, mas construídas e reconstruídas constantemente. Contudo, deve-se destacar que neste “universo homossexual” existem exclusões e sujeitos que não são (estão ou querem/podem estar) inseridos em razão de diferentes marcadores sociais: classe, escolaridade, origem étnica, dentre outros.

Um segundo elemento que pode ser considerado é uma crítica ao modelo de masculinidade hegemônica, pois existem muitos problemas em “assumir-se” nesse meio que limitam a possibilidade de junção entre homossexualidades e futebol. Conforme Margarida: “Existe muito homossexualismo [sic] dentro do jogador de futebol, pena que a maioria [sic], pena que a maioria não queira, não assuma, não quer soltar à franga, mas que tem uma mulher<sup>9</sup> dentro deles tem!” (MARGARIDA, 2011, parte 2). Essa fala pode ser pensada a partir do ambiente monossexuado frequentado pelos atletas, como os vestiários, as escolas de futebol, espaços que possibilitam certa fruição e experimentação de “brincadeiras” homoeróticas, como destaca Welzer-Lang (2001, p. 462). Por outro lado, é vedado aos jogadores assumirem a homossexualidade.

Se por um lado a figura do Margarida pode associar-se ao aspecto cômico, não seria esta uma maneira tolerada de adentrar nos campos de futebol? Ao que parece, o fato dele não se assumir enquanto homossexual, mas se firmar como “heterossexual, casado e pai de três filhos” lhe possibilitou e “facilitou” essa inserção. Afinal, estaria fazendo um personagem. Caso fosse um árbitro assumidamente homossexual, possivelmente, a receptividade seria distinta. E na entrevista mencionou ouvir vozes que ecoavam dos estádios como “ado, ado, icha, icha” (MARGARIDA, 2011, parte 1), certamente referindo-se a palavras que geralmente são usadas como formas de insultos aos homossexuais, como “viado” e “bicha”.

Figura 1 – “Passo da gazela”



Fonte: Captura de imagem em vídeo. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=HjvgQqF6RZM>. Acesso em: 23 jul. 2020.

<sup>9</sup> Essa ideia essencialista de que havia “uma mulher presa dentro do corpo de um homem” – podendo ser pensada ainda de maneira contrária –, já havia sido dita por Karl Ulrichs em 1860, de acordo com James Green (2000, p. 180) e era uma forma de compreensão da homossexualidade que ainda perdurava na sociedade.



Figura 2 – Margarida no meio do campo de futebol



Fonte: Imagem disponível em: <https://pergunteaoarbitro.wordpress.com/2017/12/22/e-o-juiz-margarida-na-verdade-nao-confunda-o-carioca-com-o-caratinense/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

Margarida foi citado pela jornalista Marília Gabriela como uma “figura folclórica”. Indagado sobre sua *performance* nos jogos, destacou: “Como árbitro oficial eu era proibido” (MARGARIDA, 2011, parte 1). A criação desse personagem se deu em jogos amadores, e como a frase citada do ex-árbitro permite constatar, houve resistências para introduzir-se nos jogos oficiais, o que possibilita atentar à supremacia da ideia de heteronormatividade e masculinidade hegemônica vigente. E da mesma forma, as tentativas para que não fossem alteradas por esse personagem, podendo ser interpretado como uma dissidência à “seriedade” dessa modalidade esportiva.

No entanto, Margarida diz que às vezes não podia conter-se, e argumenta: “Quando eu entrava dentro de [sic] campo de futebol, vinte e dois jogadores fortes, aquele cheirinho de cânfora neles... aí quando me via eu tinha que soltar à franga” (MARGARIDA, 2011, parte 1). De forma bastante humorada destaca que já recebeu cantadas de homens nos estádios e, inclusive, numa viagem ao exterior acabou sendo abraçado por um ator, – “[...] um ator daqueles, Gabi, que por sinal, era um pedaço de mal caminho” –, e levou um “selinho” dele (MARGARIDA, 2011, parte 2).



Ao mesmo tempo em que Margarida explora a figura do gay efeminado como uma forma de diferenciar-se na arbitragem reitera um estereótipo do desejo gay pelo corpo másculo dos jogadores. Da mesma forma, essas “cantadas” que recebeu ou o “selinho” podem ser vistos como um elemento ambíguo em que algumas pessoas não diferenciavam a pessoa do personagem. Mas também é um exemplo de uma forma de existência possível num espaço tão machista e homofóbico como o futebol. Margarida (2011, parte 2), inclusive, destacou: “[...] mas tenho uma vontade danada de desfilar na parada gay”. Algumas questões explicitadas poderiam ser compreendidas como parte de um processo que Butler chama de heterossexualidade melancólica (SALIH, 2015, p. 75-84), no entanto, parece profícuo aprofundar essa questão a partir do conceito de *montagem*, ou seja, quando um sujeito se monta para “passar por”.

Apesar do termo ser usualmente mais utilizado por ocasião da expressão de um gênero distinto do esperado para aquele sujeito, como as travestis, *drags*, o mesmo é compreendido como uma possibilidade ampla, consciente e inconsciente. Conforme Tiago Duque (2019a, p. 521): “a construção e/ou montagem do corpo passável, por exemplo, é a própria construção de uma verdade sobre o sexo e o gênero em contextos de classe, idade, cor/raça e sexualidade muito bem definidos”.

Nesta análise se está considerando que todas as pessoas socialmente “passam por”. Isso significa a *montagem* de um gênero que permite que outros sujeitos nos percebam de uma determinada forma com base nas construções socioculturais; ou seja, existem modelos de homens, mulheres, homossexuais e com base nesse entendimento percepções são decodificadas associando essa pessoa a alguma identidade, ou não sabendo como defini-la por estar na fronteira das terminologias usadas. Destaca-se que a forma como as pessoas pensam “passar por” socialmente pode não ser a maneira como são identificadas por outrem.

Essa “passabilidade” contínua e inconsciente entendida no sentido de não ser controlada a todo instante, porém não ontológica, mas sim subjetivamente confortável, do dia a dia e sujeita a alterações no decorrer do tempo, pode ser alterada perante a modificação consciente de uma *performatividade de gênero* – conforme Butler (2017) – para estar em determinados contextos heteronormativos e/ou repressivos que induzam ou demandem que as pessoas “passem por” algo distinto do cotidiano.

Nesse sentido, a expressão performativa de homossexuais cisgêneros tende a ocultar sua sexualidade e/ou suspeitas sobre seus desejos afetivo-sexuais, logo sua presença nas arquibancadas dos jogos de futebol não chamam a atenção, dada sua sincronia à heteronormatividade. Pode ser um “passar por” subjetivamente confortável ou uma forma

forçada conscientemente performatizada para poder estar num espaço que lhe interesse, mas visando livrar-se de quaisquer discriminações decorrentes da possível visibilização de sua sexualidade e/ou efeminação.

O personagem Margarida parece performatizar uma “montagem estratégica”, ou seja, quando os sujeitos movidos por interesses específicos ou em dadas situações montam-se performatizando um gênero de modo que as pessoas que os observem vão identificá-los de uma determinada forma (DUQUE, 2019b, p. 119-120). Por diferenciar-se dos demais árbitros acabou atraindo as atenções numa época em que o tema da homossexualidade ganhou, inclusive, destaque no mercado de consumo sendo identificado pela sigla GLS<sup>10</sup>.

Em decorrência das transformações a partir das torcidas gays mencionadas neste artigo, até os anos 1990, quando o árbitro Margarida passou a ser conhecido, há elementos marcantes que precisam ser pontuados. Durante a criação dessas torcidas, a partir da segunda metade dos anos 1970, a relutância em integrar homossexuais explicitamente identificados nos jogos por parte dos demais torcedores e da sociedade, de maneira geral, eram ampliados pela efeminação transparente em corpos masculinos dos quais se esperava perceber uma suposta naturalidade máscula. A forma de lidar com tal questão, naquela época, sinaliza a conquista de algumas torcidas como a *Coligay*, mesmo enfrentando distintos entraves, e as barreiras que outras torcidas tiveram, a exemplo da *Flagay*, citada na matéria da imprensa utilizada.

Em 1978 houve a criação do grupo de militância homossexual em São Paulo, o “Somos”, seguido por muitos outros ao longo do tempo. A nível internacional a contracultura e a organização de movimentos homossexuais nos Estados Unidos, por exemplo, no final da década de 1960, eram resultados de outras formas de ativismo que permitiram que naquele momento tais eventos se concretizassem e viessem a se tornar de conhecimento de outras populações. No Brasil também havia ações precursoras que se situavam num cenário de transformações culturais e na transposição dos limites simbólicos de gênero, como já citado anteriormente. Na década de 1980 houve a epidemia de aids e a vinculação inicial aos homossexuais fazendo com que o assunto permanecesse em voga. Além disso, cresceu o número de pessoas homossexuais presentes na mídia televisiva suscitada pelo interesse do público sobre esse tema que inclusive dava audiência

---

<sup>10</sup> A sigla que se refere a Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS) surgiu na década de 1990 e está vinculada a ideia de consumo por parte das pessoas homossexuais em que os espaços comerciais sinalizavam sua abertura amigável e receptiva ao público composto por integrantes dessa sigla que podiam frequentá-los de forma similar ao *gay friendly* norte-americano (e inclusive transitar nessa fronteira sexual) sendo difundida pelo primeiro *site* GLS, o Mix Brasil, em 1994 (TREVISAN, 2000, p. 376-378).

(TREVISAN, 2000, p. 305-313). Em 1985 a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença.

Essa breve contextualização pretende situar o público leitor de que o cenário desde as torcidas gays discutidas até a notoriedade de Margarida teve muitas modificações. O fato de se tratar de um personagem que levava diversão pode ter facilitado sua aceitação e permanência num espaço em que a masculinidade hegemônica é tão valorizada, como no futebol. Para além da figura da “bicha” alegre que leva diversão está uma crítica ao machismo e a homofobia perpetrada nesses espaços que não são homogêneos, mas marcados por diferentes tensões internas. Contudo, apesar de tal masculinidade idealizada ser questionada e abandonada por parcela do público, boa parte ainda se mantém fiel a esse postulado.

Ao mesmo tempo em que alguns casos apontam possíveis transformações dessa mentalidade que atribui uma vinculação exacerbada entre futebol e masculinidade hegemônica, outros demonstram estar em sentido contrário, reforçando-a. Um fato que causou polêmica envolvendo um jogador de um clube conhecido e que trouxe à tona a “demanda” social da vinculação da heteronormatividade com o futebol é contado por Andrada e Seffner:

Após seu time vencer o Coritiba por 1 a 0 pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2013, o jogador Emerson Sheik, do Corinthians, postou na rede social *Instagram* uma fotografia em que dava um “selinho” em seu sócio e amigo Isaac Azar. Foi o início de uma polêmica que acompanhou o atleta pelo resto da temporada. O jogador foi duramente criticado por torcedores do Corinthians e virou motivo de chacota para os torcedores rivais (ANDRADA; SEFFNER, 2013, p. 258).

Mais do que aprofundar o acontecimento citado, atenta-se ao que o mesmo ilustra e o quanto ainda está impregnada a ideia de que determinadas atitudes não estariam em conformidade com a masculinidade esperada para esse esporte. E deve-se destacar que não foi durante o jogo, mas algo posterior. Algumas questões precisam ser pontuadas como a vinculação da vida privada à pública e os desdobramentos que recaíram em razão de uma ação que revelou o quanto as pessoas ainda são preconceituosas, especialmente com relação a esse esporte, mas também houve opiniões mais sensatas contra essa discriminação sofrida pelo jogador.

De um lado, tem-se a abjeção da homossexualidade vinculada a esse esporte e, de outro, um entendimento positivo. No bojo dessa atitude mais compassiva é possível distinguir duas visões que incidem nas relações sociais. Richard Miskolci nos ajuda a entendê-las a partir dos significados atribuídos à tolerância e à diferença. Para o autor:

Quando você lida com o diferente, você também se transforma, se coloca em questão. Diversidade é “cada um no seu quadrado”, na perspectiva que compreende o Outro como incomensuravelmente distinto de nós e com o qual podemos conviver, mas sem nos misturarmos a ele. Na perspectiva da diferença, estamos todos implicados/as na criação desse Outro, e quanto mais nos relacionamos com ele, o reconhecemos como parte de nós mesmos, não apenas o toleramos, mas dialogamos com ele sabendo que essa relação nos transformará (MISKOLCI, 2017, p. 16 – grifo do autor).

Essa proselitista masculinidade hegemônica que incute segregações foi incorporada na mentalidade das pessoas, sobretudo vinculada ao futebol, de modo que mesmo alguns torcedores homossexuais acabam reproduzindo-a em seus discursos. José Aelson da Silva Júnior realizou uma pesquisa em que entrevistou quinze homossexuais de Belo Horizonte selecionados a partir do compartilhamento de uma mesma identidade sexual, autodeclarados gays, e por serem torcedores assíduos. Atendo-se aos discursos produzidos por esses torcedores em torno da relação entre homossexualidade, homofobia e futebol, as falas de alguns sinalizam o entendimento de que não queriam ser identificados como homossexuais para não causar nenhum constrangimento ao clube, como pode ser visto na citação a seguir, o que demonstra a vigência e reprodução desse ideal de masculinidade hegemônica e heteronormatividade, mesmo entre uma parcela dos gays:

Como a zuação preferida é xingar uma torcida e a outra de, de bichinha, de gay, se tiver alguém nitidamente gay ali [...] é vergonhoso pra torcida lá, e é um prato cheio pra adversária zuar. [...] Eu não quero ser associado, ou na minha torcida, que seja associada que tenha algum gay” (SILVA JÚNIOR, 2018, p. 86).

Essas reflexões possibilitam observar o ambiente dos jogos de futebol e a constituição dos elementos adjacentes que em sua totalidade significam-no como um espaço de tensões contínuas entre modelos de masculinidades e feminilidades hierarquicamente subjugados

por uma masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) que não é expressa por todos, mas serve como exemplificação e topo a ser alcançado. Difundido como uma marca nacional, a identificação com o futebol perpassa as classes sociais, as gerações, a escolaridade, as etnias e obviamente as sexualidades e relações de gênero. Considerar tais elementos parece necessário para compreender as relações de poder que agem em meio à disciplinarização dos corpos e os regimes de verdade instituídos socialmente (FOUCAULT, 1987).

### **Futebol é só para macho cisgênero? Times homossexuais e a *Champions Ligay***

Para além das torcidas autodeclaradas gays que surgiram no Brasil e no atravessamento das fronteiras entre masculinidades e feminilidades performatizadas não apenas por parcela desses integrantes, mas também por outras pessoas no decorrer do tempo, como o ex-árbitro Margarida, demonstram uma forma de dissidência à masculinidade hegemônica construída e reforçada em torno do futebol. Somada às naturalizações falaciosas de que haveria uma sincronia entre macho-masculinidade-heterossexualidade de forma convergente, que por sua vez, instituiu discursivamente limitações que se materializaram nas relações sociais, deve-se destacar não apenas o interesse por parte de pessoas homossexuais por essa modalidade esportiva como também a própria constituição de times exclusivamente compostos por esses (e essas) integrantes.

Um dos times de futebol amador formados por homossexuais foi o Bharbixas<sup>11</sup>, de Minas Gerais. De acordo com Anjos e Silva Júnior (2018, p. 223) esse time foi criado em 2017 e conta com jogadores gays, cuja inspiração teria vindo de outros times de São Paulo e Rio de Janeiro.

Nesse mesmo ano ocorreu o primeiro campeonato de futebol gay no Brasil e foi noticiado na mídia. De acordo com Jammille Bullé (2017), em matéria publicada no site de notícias da Rede Globo de Televisão: “Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions Ligay”, divulgou a competição que foi realizada no Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca, reunindo oito equipes e tendo como campeão o time de Minas Gerais já citado.

Após esse evento, a segunda competição ocorreu no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano seguinte. Conforme as informações veiculadas, ocorreu nos dias 14 e 15 de

---

<sup>11</sup> Informações na página do Bharbixas Esporte Clube relatam a ampliação das modalidades esportivas não se restringindo apenas ao futebol, mas também ao vôlei, handebol e dança. Ver: BHARBIXAS ESPORTE CLUBE. Site. Disponível em: <https://www.bharbixas.com/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

abril contando com 12 times: “BeesCats e Alligaytors, do Rio de Janeiro, Futeboys, Bulls, Afronte e Unicorns, de São Paulo, Bravus, do Distrito Federal, Bharbixas, de Minas Gerais, Capivaras, do Paraná, Sereyos, de Santa Catarina, e PampaCats e Magia, do Rio Grande do Sul” (PORTO, 2018 – grifo do autor).

De acordo com a gerente da competição, Alessandra Mello: “Os meninos sempre sofreram muito preconceito para jogar futebol, eram excluídos, discriminados, mas sempre gostaram de jogar. No ano passado, alguns times do Brasil criaram a Ligay, que é a Liga Nacional de Futebol Gay, e resolveram fazer o primeiro campeonato, que é a Champions Ligay, um trocadilho com a Champions League” (PORTO, 2018).

Como pode ser observada pelo relato de Mello, a discriminação aos homossexuais no esporte é um dos fatores que impede o desenvolvimento dessa prática esportiva e reforça a heteronormatividade cisgênero no futebol. Isso também deve ser atentado, pois se trata de um cerceamento de possibilidades, e não somente uma não identificação pessoal, como de maneira geral muitas pessoas costumam crer.

Ainda nesse ano, 2018, ocorreu a terceira edição da *Champions Ligay* em São Paulo, no mês de novembro. Em 2019, no mês de abril ocorreu a quarta edição, em Brasília; no mês de novembro, em Belo Horizonte, outra edição contando com 29 times, segundo informações publicadas na página da *Ligay* nas redes sociais (LGNF, 2020).<sup>12</sup>

Diego Santos Vieira de Jesus realizou uma análise a partir da página da liga na rede social *Facebook* observando as imagens dos times e atentando aos elementos presentes na corporalidade dos participantes, refletindo inclusive sobre a própria construção dos nomes desses times. Em sua análise que focaliza o primeiro campeonato da Ligay, em 2017, destaca a predominância de homens cisgêneros, de classe média e alta, percebendo também a falta de representatividade de outros segmentos LGBTs na composição dos times salientando que não parecia ser algo acessível a toda essa população (2018, p. 335-339). Concluindo seu artigo o autor destacou:

Ainda que venha cumprindo um papel importante em termos da desestabilização da ideia de que “futebol é coisa pra macho”, a LiGay já conseguiu mostrar que o esporte também pode ser para os “manos que

---

<sup>12</sup> Para conferir as equipes vencedoras nas competições ver: DIVERSIDADE, tolerância e muito futebol: 5ª edição da Champions Ligay chega a BH em novembro. 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/diversidade-tolerancia-e-muito-futebol-5a-edicao-da-champions-ligay-chega-a-bh-em-novembro-1.737873/edi%C3%A7%C3%A3o-da-champions-ligay-chega-a-bh-em-novembro-1.737873/edi%C3%A7%C3%B5es-champions-ligay-7.1493463>. Acesso em: 06 jun. 2020.

curtem outros manos”, mas ainda avançou muito pouco no que diz respeito à inclusão das “manas” e das “monas” (JESUS, 2018, p. 340 – grifo do autor).

De acordo com uma publicação na página da liga no *Facebook*, no dia 22 de outubro de 2019 há a informação de que na quinta edição do campeonato haveria disputa entre times exclusivamente femininos, onde é possível, também, ver fotos dos times (LGNF, 2020). Isso assinala o espaço que esses times conquistaram e passaram a ter nesses campeonatos, demonstrando o interesse desse público e apreço por essa prática esportiva, não podendo restringir-se à ideia de um gosto essencialista por parte dos homens, do masculino. Ainda que eventuais dificuldades sejam enfrentadas por alguns sujeitos para uma ampliação e maior diversidade na composição desses times, abre-se um precedente para que isso se torne possível. A sexta edição está prevista para ocorrer em outubro de 2020, segundo publicação do dia 15 de janeiro do corrente ano na mesma página da rede social (LGNF, 2020).

### Considerações Finais

As compreensões acerca da masculinidade hegemônica heteronormativa no futebol atravessaram as fronteiras das atribuições de gênero, socialmente entendidas como fixas. A *performance* de gênero expressa nas torcidas gays desde os anos de 1970, especialmente, quando passaram a reivindicar um espaço reconhecido e identificado nos estádios sinalizava rupturas do padrão dessa masculinidade dominante idealizada e ali preservada. Isso não significa que outras modalidades de dissidência não tenham sido estabelecidas anteriormente, mas a dimensão desses questionamentos no contexto da época trouxeram, sem dúvida, novas questões à cena empreendidas por pessoas homossexuais.

Sendo um acontecimento pouco receptível na época e tendo que enfrentar obstáculos constantes, as torcidas gays contribuíram com o questionamento do sistema vigente impondo fraturas na heteronormatividade e criando novas possibilidades de ser e torcer no futebol. Essas transformações tiveram prosseguimento no decorrer do tempo sendo usadas, inclusive, por árbitros como o exemplo de Margarida que, sem dúvida, demonstravam alterações num espaço de vigência da masculinidade hegemônica.

Esses destaques somados a própria criação de times de futebol amador compostos por pessoas homossexuais rompem com a ideia de que homossexualidade e futebol não combinam. Ao contrário, por não ser um gosto essencialista presente desde sempre nos sujeitos, mas marcado por uma construção cultural coletiva partilhada no Brasil como uma marca nacional, o interesse pelo futebol e/ou pelas demais atividades esportivas decorre de



identificações pessoais subjetivas que encontram maior ou menor espaço de integração em razão das barreiras sociais impostas.

Nesse sentido, pensar o futebol a partir das masculinidades, sobretudo a hegemônica, e os abalos da cisgeneridade e heteronormatividade que desestabilizaram certos enunciados de gênero de viés essencialista, especialmente a partir da dissidência homossexual, contribuíram para permitir uma passagem entre a limitação imposta através da homofobia dominante nesse esporte e a possibilidade de integração, mediante o rompimento de paradigmas (totalmente ou não) e compartilhando dessa identidade.

Não se está dizendo com esses argumentos e exemplos que tudo está resolvido e que não há mais problemas oriundos de conflitos em razão das *performances* de gênero, da sexualidade ou das masculinidades e feminilidades expressas no futebol. Pelo contrário, o ideal de masculinidade hegemônica heteronormativa permanece atuante enquanto modelo a ser alcançado e reproduzido, e ainda atua como um marcador que cerceia e discrimina determinadas pessoas, mas também sofreu fissuras no decorrer do tempo ampliando a heterogeneidade presente nesse ambiente, tornando-se mais plural. No entanto, continua permanecendo um espaço de tensões e enfrentamentos, não é homogêneo. Esses atravessamentos de fronteiras simbólicas permitem pensar o “mundo do futebol” de uma forma mais fluida, possibilitando identificações múltiplas e maior liberdade para a prática tanto amadora quanto profissional de um esporte tão afeiçoado pela cultura brasileira.

### Referências

ANJOS, Luiza Aguiar dos. De “são bichas, mas são as nossas” à “diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 214-231, 2018.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, a. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE Jean-Jacques (Dir.). *História da virilidade: a virilidade está em crise? Séculos XX-XXI*. Tradução de Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 189-220.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHARBIXAS ESPORTE CLUBE. *Site*. Disponível em: <https://www.bharbixas.com/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

BULLÉ, Jamille. Respeito, tolerância e equipe afeminada campeã marcam a Champions Ligay. 26 nov. 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/respeito-tolerancia-e-equipe-afeminada-campea-marcam-a-champions-ligay.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan.-abr. 2013.

DIVERSIDADE, tolerância e muito futebol: 5ª edição da Champions Ligay chega a BH em novembro. 29 ago. 2019. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/diversidade-toler%C3%A2ncia-e-muito-futebol-5%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o-da-champions-ligay-chega-a-bh-em-novembro-1.737873/edi%C3%A7%C3%B5es-champions-ligay-7.1493463>. Acesso em: 06 jun. 2020.

DUQUE, Tiago. Montagem. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019a. p. 518-522.

\_\_\_\_\_. Regimes de visibilidade/conhecimento: nas experiências da “(des)montagem” e do “(não) passar” por homem e/ou mulher. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, Cuiabá, v. 6, n. 12, p. 113-126, ago.-dez. 2019b.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GENTE. *Veja*, São Paulo, n. 456, 1 jun. 1977, p. 71. Fragmento digitalizado da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e de posse do autor.

GERCHMANN, Léo. *Coligay: Tricolor e de todas as cores*. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GREEN, James. *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JESUS, Diego Santos Vieira de. “Futebol é coisa para mano, mana e mona”? A LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 10, p. 327-342, 2018.

JOGO proibido: torcidas gay querem um lugar nos estádios. *Veja*, São Paulo, n. 581, 24 out. 1979, p. 88. Fragmento fotografado do Acervo do Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo/RS e de posse do autor.

LGNF. LGNF – Ligay Nacional de Futebol. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ligaybr/posts/>. Acesso em: 05 fev. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. III-153.

MARGARIDA. *De Frente com Gabi*. São Paulo: Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), 7 dez. 2011. Programa de televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFBD3o-gXpo> (Parte 1); <https://www.youtube.com/watch?v=qI-Fo9NTZgw> (Parte 2); <https://www.youtube.com/watch?v=MsAEZBPsQYE> (Parte 3); <https://www.youtube.com/watch?v=CHevWcHALgY> (Parte 4). Acesso em: 29 maio 2020.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2017.

O QUARTO sexo. *Veja*, São Paulo, n. 295, 1 maio 1974, p. 76. Acervo da Biblioteca Central da PUCRS. Exemplar digitalizado e de posse do autor.

OS GAYS do Flamengo e a bixórdia do Sr. Braga. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 18, nov. 1979, p. 9. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso: 12 dez. 2017. Foi feito o *download* dos exemplares que estão salvos no acervo do autor.

PINTO, Maurício Rodrigues. A “praga” da FlaGay e o “desbunde” *quei* no futebol brasileiro. *REBEH*, v. 1, n. 4, p. 102-123, out.-dez. 2018.

PORTO Alegre recebe a Champions Ligay, campeonato de futebol com jogadores gays de todo o país. 14 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/porto-alegre-recebe-a-champions-ligay-campeonato-de-futebol-com-jogadores-gays-de-todo-o-pais.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2020.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. A despatologização da homossexualidade no Brasil. In: CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexsandro; NASCIMENTO, Cláudio; GOULART, Treyce Ellen (Orgs.). *Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018)*. Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p. 48-53.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SILVA JÚNIOR, José Aelson da. *Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Record, 2000.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 2, p. 460-482, 2001.



Recebido: 31 de julho de 2020

Aprovado: 25 de agosto de 2020